



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

**JOSÉ EDUARDO SOARES DE CASTRO**

Hoje, 19 de agosto de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento de José Eduardo Soares Castro para o projeto de memória oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

**Ana Elisa:** José Eduardo, bom dia! Eu gostaria de iniciar este depoimento solicitando que o senhor contasse um pouquinho sobre a sua origem familiar, sobre os seus pais, a cidade em que eles nasceram, a profissão deles.

**José Eduardo:** A minha história com a Mário de Andrade se confunde com a história da minha família. Meu avô veio para São Paulo no final da década de 1930 quando a Mário de Andrade ainda estava em construção. Meu avô, minha avó e três filhos vieram para São Paulo tentar a sorte. Meu avô, com muita sorte também, teve a possibilidade de arrumar um emprego na prefeitura e foi lotado no “Viveiro Manequinho Lopes”, eu não sei se tinha esse nome naquela época, e, quando a Biblioteca estava em fase final de construção, já nos últimos meses, apareceu uma pessoa da prefeitura perguntando se tinha algum funcionário que gostaria de trabalhar na Biblioteca. Meu avô na época morava ali na Rua Santo Antônio, que era periferia, onde moravam os trabalhadores, um local cheio de cortiços, e meu avô morava ali e falou: “Puxa, Mário de Andrade!” – não tinha nem esse nome na época, esse nome só veio em fevereiro de 1960. Ele aceitou o convite e foi trabalhar na

Mário de Andrade, o nome dele era Joaquim Antônio Soares. A primeira turma de trabalhadores é de março de 1943, quando a Biblioteca começou as suas funções, e meu avô foi trabalhar no “monta-cargas” de livros e, como ainda era uma coqueluche em São Paulo um prédio daquele tamanho abrigando uma biblioteca – segundo o Prestes Maia era uma loucura dos meninos da Semana de Arte de 22. E o que foi mais interessante é que naquela época a jornada de trabalho na prefeitura era de seis horas. Meu avô trabalhava na prefeitura e em mais uma outra empresa aqui em São Paulo. Na hora do almoço a filha dele, que se tornaria minha mãe, ia sempre levar um lanche para o meu avô. E tinha também um “monta-cargas” de revistas e jornais ao lado desse de livros em que trabalhava um funcionário colega do meu avô. E ficavam todos os dias os três conversando na hora do lanche e aí conversa vai, conversa vem, eles acabaram namorando e se casaram em 1950 e eu nasci em 1951. Passei então os meus primeiros nove meses na Biblioteca Mário de Andrade na barriga da minha mãe. Depois minha mãe também foi trabalhar na Mário de Andrade, acabou se aposentando, em 1983, como chefe da Encadernação. Eu entrei em 1970, como escriturário; ainda naquela fase de fim da adolescência e com aquela dúvida: “O que serei quando crescer?” foi assim uma coisa terrível para mim. Mas as coisas estavam tão claras, só que eu não enxergava: a única coisa que eu podia ser era bibliotecário, depois de tantos anos, ouvindo tantas histórias lá em casa sobre biblioteca, sobre os colegas de trabalho, sobre a direção. Meu avô, eu me lembro, falava muito em “Dr. Sérgio” e eu ficava: “Quem será esse Dr. Sérgio’?”. E mais tarde fiquei sabendo que era o Sérgio Milliet, que era uma pessoa muito simpática que vivia sempre conversando com os funcionários a respeito das dificuldades de trabalho e cafezinhos e etc.

**AE:** Você chegou a conhecer o Sérgio Milliet?

**JE:** Quando eu era criança eu me lembro que o meu avô numa das muitas idas e vindas, muitas vezes nós íamos ao hospital e na volta, como nós morávamos muito longe, a gente sempre ia para o trabalho com a mãe e eu me lembro que uma vez eu vi o Dr. Sérgio, me mostraram: “Aquele é o Dr. Sérgio”. Aquilo para a gente era ainda muito distante, a gente não conseguia ainda saber da importância que aquilo tinha. Hoje em dia essa figura é bastante marcante, Sérgio Milliet é um grande



intelectual que muito fez pela Mário de Andrade e por sua Seção de Artes, que foi o primeiro acervo dirigido exclusivamente à arte em São Paulo, muito antes do MASP<sup>1</sup> e de outros acervos que a gente tem hoje.

E a história da Mário de Andrade não foi uma história muito fácil, muito tranquila. O Rubens Borba de Moraes, quando fez o primeiro projeto, a pedido de Paulo Duarte na recém-criada Diretoria de Cultura, foi para os Estados Unidos e a Europa para saber como eram os projetos de bibliotecas usuais na época. E na época eles utilizavam esse sistema – muita gente às vezes não entende isso – de biblioteca vertical, porque o público não tem acesso ao acervo, o acervo é considerado “fechado”, que é um termo que a gente usa em biblioteconomia e na época isso visava uma conservação maior do acervo. Então, a Mário de Andrade não é igual às bibliotecas atuais que são horizontais e o público tem acesso às estantes, ela é bastante diferente. E assim que o projeto ficou pronto e começaram a construção, o Mário de Andrade, Paulo Duarte, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet, que já fazia parte do grupo, eles tiveram a feliz ideia de colocar no contrato de construção uma multa muito pesada. Caso houvesse desistência ou paralisação das obras, a prefeitura iria arcar com um prejuízo tremendo, porque a instabilidade política da época era muito grande e, como de fato aconteceu com a chegada do Estado Novo em que o prefeito Fábio Prado foi deposto e toda aquela turma de intelectuais que estava se encarregando de fazer o grande projeto de biblioteca para São Paulo, era uma biblioteca que se projetava para um milhão de volumes. E de repente o Getúlio Vargas assumiu o poder e nomeou o engenheiro Prestes Maia para ser o prefeito de São Paulo. Aí começaram os problemas. Até então, um grupo determinado, um grupo que tinha uma outra visão de cultura, de repente foi alijado do poder e entrou um engenheiro. E o engenheiro, a primeira coisa que fez, segundo relato do próprio Rubens Borba de Moraes, foi intervir no projeto da Biblioteca. No primeiro momento, paralisou as obras, mas quando soube da multa que eles tinham colocado no contrato, ele imediatamente começou a tocar as obras a passo de tartaruga, tanto que a construção demorou quase cinco anos. E as dificuldades também eram grandes, os escritórios de arquitetura em São Paulo eram pouquíssimos e a Biblioteca ficou pronta em 1942.

---

<sup>1</sup> Museu de Arte de São Paulo



Importante salientar que o terreno onde está o prédio foi comprado da família Macedo Soares. E uma outra coisa que pouca gente sabe: na praça tem uma pedra com uma cruz, onde o Bispo Dom José Gaspar, que era o bispo naquela época de São Paulo, amigo da família, ia sempre fazer suas orações no pomar da casa. Onde é a praça era o pomar da casa. E quando o Rubens Borba de Moraes comprou o terreno, ele disse que foi obrigado a aceitar que o pomar não seria destruído. A família Macedo Soares exigia que o pomar permanecesse - era essa a condição para ele vender o terreno. Por isso existe hoje a Praça Dom José Gaspar. A gente, que viveu lá muitos anos, percebe que ainda há muitas árvores frutíferas que ainda resistem a todo esse tempo.

Então, o prédio ficou pronto em 1942 e não havia corpo técnico para fazer a Biblioteca funcionar. A biblioteca atual era uma biblioteca na Rua Sete de Abril, que tinha sido inaugurada em 1926, que era uma casa onde havia estantes e livros. Não existia qualquer arranjo técnico para se fazer pesquisa. Para se procurar qualquer livro era sempre uma grande aventura. O diretor da época, o Eurico de Góes, em 1929, fez um relatório bastante importante e até curioso. Eu, quando estava fazendo um trabalho de pesquisa no arquivo morto da Mário de Andrade, encontrei esse relatório da biblioteca de 1929. A biblioteca era ligada à Câmara Municipal e o presidente da Câmara cobrava resultados do diretor, que a biblioteca precisava apresentar um trabalho melhor. E o diretor então manda um ofício para ele dizendo mais ou menos o seguinte: “Como que o senhor quer que eu apresente um trabalho de nível se tenho vinte funcionários, dez são alcoólatras, três não comparecem ao serviço...”. Eram coisas assim desse tipo.

Então, a gente percebe que tudo começou com grandes dificuldades, ela já veio com esse ranço de mau atendimento. E, quando a Biblioteca foi inaugurada, ela foi um marco para a cidade de São Paulo. Ela foi inaugurada no dia 25 de janeiro de 1942 junto com grandes inaugurações do Estado Novo, como a Ponte Grande, Ponte das Bandeiras é o nome correto, e que fica ali perto do Clube Tietê, e outras inaugurações que se fez na cidade. O projeto foi muito alterado. Aquela entrada estilo romano que tem na entrada da Biblioteca, o Rubens Borba de Moraes, em 1982 na sua última entrevista que deu em nosso auditório, a primeira coisa que ele fez na mesa, antes de cumprimentar qualquer pessoa foi o seguinte, dando risada:



“Olha, não tenho nada a ver com essa entrada horrorosa e com essa estátua que colocaram no saguão”.

**AE:** O senhor estava quando ele falou isso?

**JE:** Estava. Disso eu sou testemunha porque estava presente. “Eu não tenho nada com isso. O que é que tem que ver essa estátua?”. E ele contou o seguinte, que o Prestes Maia, quando assumiu o poder, contratou um italiano chamado Fracarolli<sup>2</sup> que encheu a cidade de estátuas. Uma delas é aquela que está lá no salão. Mas a estátua virou um símbolo para São Paulo e para a cidade, porque ela virou um ponto de encontro. Mais tarde, quantas pessoas, quantos alunos, quantos intelectuais que iam para a Mário de Andrade com alguém e falavam: “Me espere perto da estátua”. Ela passou a ser um ponto de encontro. E coisas curiosas também, pessoas que se deparavam com a grandiosidade do prédio. Também cheguei a ver muitas pessoas chegando no salão e olhando para a estátua e se benzendo, achando que fosse uma santa - a “deusa da cultura”, não deixa de ter a sua divindade. Então, seguindo, o Rubens Borba de Moraes nessa entrevista, ele nos contou sobre as alterações no projeto, contou das dificuldades que foi levar essa construção durante cinco anos.

As verbas eram escassas e, quando o prédio ficou pronto, não havia corpo técnico para fazer a Biblioteca funcionar. O Rubens Borba de Moraes entrou em um acordo com a Fundação Rockefeller e a Fundação Rockefeller arrumou uma verba e o Rubens Borba de Moraes fez o primeiro curso de biblioteconomia aqui em São Paulo. Era um curso de seis meses para formar rapidamente pessoas para trabalhar nas funções lá da Biblioteca. E antes disso, a prefeitura já tinha uma verba, porque esse curso já estava funcionando há algum tempo, só que o Prestes Maia também cortou essa verba da prefeitura e diz que não podia continuar fazendo porque o plano dele era o grande plano das avenidas de São Paulo.

E a Biblioteca Mário de Andrade começou a funcionar, então, em março de 1943. E o grande projeto do grupo da Revolução... da Semana de Arte Moderna de 22 – não sei por que eu estou falando revolução, não deixa de ser uma revolução cultural, não é? O projeto inicial era o seguinte: fazer a Mário de Andrade para um

---

<sup>2</sup> Caetano Fracarolli



milhão de volumes e fazer as bibliotecas-pólos, que seria, por exemplo, a biblioteca da Móoca, ela seria maior que a biblioteca Mário de Andrade, ela seria a biblioteca dos operários. Então a gente percebe a grande vontade de fazer uma cidade de leitores, de operários leitores, a grande importância que se dá à leitura desde aquela época. Acho que isso é motivo até para uma tese de alguém que tenha vontade de escrevê-la, saber o que aconteceu; porque – isso depois de 38 anos, eu sou obrigado a ser crítico – nós não conseguimos trazer toda aquela vontade daquele grupo de uma cidade de leitores até hoje e fazer essa cidade realmente muito mais culta, interessada nesses assuntos. Porque durante esse trajeto todo que eu passei na Mário de Andrade, as nossas dificuldades eram muito grandes para se fazer qualquer evento cultural. E quando a gente fazia a gente percebia que a resposta da população nunca era muito boa. E esse tema eu acho que deveria ser bastante explorado, porque passamos por várias administrações com políticas culturais muito equivocadas para a Biblioteca. Uma coisa que eu sempre digo: cada administração que entra quer deixar sua marca, mas eu acho que tem coisas que deveriam ser obrigatórias, alguns projetos deveriam ser obrigatórios, porque essa mudança radical de uma administração para a outra não traz benefício algum para a Mário de Andrade e para as bibliotecas como um todo. Acho que deveria ter algumas programações que deveriam ser obrigatórias. E, voltando a 1970...

**AE:** Só um instantinho, seu José Eduardo, posso interromper um pouquinho?

**JE:** Lógico.

**AE:** É que o senhor tocou num ponto que eu queria explorar um pouquinho com relação à formação de biblioteconomia na época em que o senhor fez o curso que foi na Escola de Sociologia e Política. Eu queria que o senhor contasse um pouco como foi esse curso, o que chamava a atenção do senhor, o que era interessante?

**JE:** Perfeito. Vou retomar um pouquinho antes. Quando a Fundação Rockefeller ofereceu a verba para o Rubens Borba de Moraes, ele teve o apoio da Fundação Álvares Penteadó, que abrigou o curso. Então o curso começou a ser feito na Fundação e depois esse curso foi transferido para a Fundação Escola de Sociologia



e Política. Eu entrei na faculdade em 1971. E até uma coisa que eu faço questão de contar aqui: eu entrei em novembro de 1970 e em janeiro de 1971 eu estava lendo a *Folha de São Paulo*... Quando você é criança as pessoas perguntam: “O que você vai ser quando crescer?” - “Ah, vou ser médico, vou ser engenheiro, vou ser advogado”. Eu achava que eu seria médico, só que quando chegou a hora de escolher, as coisas não eram assim tão fáceis como a gente pensa. Eu não podia ver sangue, me impressionava muito com esse tipo de coisa, tomar injeção, então, nunca, não é? E eu falei: “Médico eu não posso ser. Como eu vou ser médico? Desse jeito, não dá”. E um dia eu estou sentado lá no monta-cargas, o meu pai trabalhava no monta-cargas nessa época, o meu avô já havia se aposentado, já era falecido, e o meu pai era o sucessor lá no monta-cargas de livros. Aí eu abri o jornal e vi: “Vestibular para biblioteconomia, Fundação...”. E falei: “Poxa, por que não?”. Aí falei para o meu pai: “Pai, vou fazer Biblioteconomia”. Ele falou: “Ah, muito bem. Quer conversar com alguma bibliotecária aí para te explicar o que é o trabalho?”. Aí nós fomos lá no setor do processamento técnico, conversamos com algumas pessoas e eu lembro que uma delas disse assim: “Não, faça biblioteconomia, biblioteconomia tem muita mulher, você como homem, sabe que você pode ter muito sucesso? Acho que você vai acabar sendo diretor dessa Biblioteca”. Eu falei: “Quem sabe, não é? Vamos ver”. E mal sabia eu que ela estava prevendo o futuro, é impressionante. E quando chegou o vestibular, eu fiz o vestibular e passei e comecei a fazer o curso. A primeira figura que me impressionou tremendamente foi o Professor Julio Davi de Leoni, que tem o nome hoje no centro acadêmico lá, com o nome dele. Era um italiano com uma cultura que eu nunca vi alguém com uma bagagem daquelas. Ele dava uma matéria que eu acho muito importante e não sei se existe hoje nos cursos de biblioteconomia, mas para quem vai trabalhar em bibliotecas públicas deveria ser obrigatório que essa matéria permanecesse. Não sei se hoje tem alguém com a bagagem que aquele homem tinha, porque ele começou a falar: “A biblioteconomia, ela tem um sistema de classificação que vai do 000, que são obras gerais, até 900, que são história e geografia”. E esse homem foi dissecando o conhecimento humano desde o 000, passando por religião, falando das diversas facetas de todos os assuntos, Filosofia, Ciências Sociais, Ciências Puras, Ciências Aplicadas; cada aula era, com o perdão da palavra, um orgasmo cultural, porque o italiano era realmente... E quando ele começava a se aprofundar muito ele dizia: “Não se



assustem, minhas queridas bibliotecárias, a matéria está só começando”. Era inacreditável! E eu me lembro que no dia da prova, a prova foi no final do ano, ele disse assim para a gente: “Vocês querem com consulta ou sem consulta?”. Tínhamos um caderno lotado da matéria. “Ah, queremos com consulta, professor, lógico” - “Então vocês podem trazer o que vocês quiserem para a nossa prova e desde já desejo boa sorte”. No dia da prova apareceu gente com mala de livros para fazer a prova. Só que aí ele colocou três perguntas na lousa que não adiantava absolutamente nada aquele material. Eu tinha levado dois livros, duas enciclopédias desse tamanho, eu falei: “Poxa!”. Se você não tivesse assistido às aulas e prestado atenção, você não ia achar aquilo em livro algum, sabe? Foi também um momento muito bom as aulas da dona Cecília Armentano, que era professora de catalogação. Ela exigia que se colocassem as vírgulas, os pontos exatamente onde eles eram, os espaços devidamente colocados, corretamente. Havia uma... Às vezes eu dou até risada, porque sempre que eu encontro com ela – hoje é a atual diretora do curso de Biblioteconomia, professora Evanda – eu sempre falo para ela: “Você rabiscava todas as minhas fichas”. E ela... nós éramos obrigados a fazer durante o ano um catálogo que se utilizava em bibliotecas e a auxiliar dela corrigia exatamente. E outro dia, conversando com algumas pessoas eu falava: “Gente, se dona Cecília Armentano estivesse viva hoje e visse a informatização da catalogação, acho que ela teria um enfarte”. Porque ela era muito dedicada a essas normas biblioteconômicas.

Aí eu terminei o curso em 1973. Nosso paraninfo foi o governador Laudo Natel. Foi uma festa muito bonita lá no Palácio dos Bandeirantes. Eu já trabalhava na prefeitura, tinha entrado como escriturário, aí eu fui fazer o primeiro concurso em 1982. Havia tido um concurso anteriormente e eu tinha passado por um problema um pouco sério e não pude me dedicar muito aos estudos. Eu tinha sofrido um acidente razoavelmente grave e então não me dediquei. Mas em 1982 eu fui aprovado no concurso. E durante esse período de 1970 até então, em 1973 eu entrei para trabalhar na Seção de Microfilmagem, que é uma seção que me deu os primeiros conhecimentos de como se lida com uma obra rara. Por exemplo, porque a gente fazia o trabalho de microfilmagem de obras raras, de livros de arte e também do acervo geral, mas a minha chefe sempre falava: “Olha, esse é das raridades, vai com cuidado, tal”. Em 1973 eu fui transferido para a seção de referência, onde eu





acho realmente que foi a seção em que eu me dei melhor em toda essa trajetória desses anos todos, porque era uma coisa assim que eu achava muito agradável, alguém chegar com uma questão muito difícil e você ir lá e vamos juntos e tal, vamos fazer a pesquisa, e você acabava encontrando o material que a pessoa estava procurando. Então, muita gente ficava agradecida daquela dedicação toda e essa eu acho que é uma das facetas que o bibliotecário deve ter: sempre trazer para si o problema de quem está procurando a pesquisa, porque assim você vai poder fazer um atendimento bem melhor e no final você vai se satisfazer plenamente com esse trabalho.

**AE:** Seu José Eduardo, deixa-me fazer uma pergunta: no setor de microfilmagem o senhor chegava a atender o público ou o senhor trabalhava mesmo na microfilmagem?

**JE:** No setor de microfilmagem a gente atendia o público quando eles levavam os pedidos de microfilmagem. Ultimamente eu não sei como funciona, mas na época era assim: até dez fotogramas era feito gratuitamente, acima disso era cobrado. A pessoa trazia o pedido do livro, com as páginas que ela gostaria que fossem feitas. Esse contato inicial também era feito com a gente. Para a gente, se não fosse realizar o trabalho, a gente poderia passar para o colega da forma que a pessoa queria, porque às vezes ela pedia: “Quero com mais luz, menos luz” e o sistema era ainda muito artesanal. A gente microfilmava, pegava o filme, levava para uma câmara escura, lá colocava dentro de um aparelho que a gente tinha que ficar girando 15 minutos aquilo para revelar, depois com uma rolhinha tirava o líquido, colocava um fixador, era um sistema muito... Mas ficava um trabalho bem feito. Fizemos muitas exposições na época na Mário de Andrade através de fotogramas que a gente fazia lá no nosso setor.

**AE:** E mais uma coisa Seu José Eduardo: o público que se dirigia ao setor de microfilmagem era diferente do público que ia para o setor de referência? Se havia essa diferença entre...



**JE:** A maior parte eram estudantes, tanto universitários quanto de segundo grau, mas também aparecia muito pesquisador. No setor de Obras Raras, por exemplo, era só pesquisador e às vezes figuras até conhecidas. Eu me lembro do professor Antonio Candido fazendo pesquisas lá nas raridades e depois levando lá para a microfilmagem. Muita gente, muita gente bastante importante... Editoras usavam muito esse trabalho de microfilmagem porque o xerox até então não existia nessa época ainda na Biblioteca. Então quem quisesse cópia tinha que fazer através da microfilmagem. O xerox, eu acho que ele passou a funcionar na Mário de Andrade em 1974, por aí, esse trabalho do xerox. Então depois desse trabalho na referência, que eu fiquei até 1988. Eu fui aprovado no concurso em 1982, tomei posse no cargo de bibliotecário e fiquei fazendo esse trabalho na referência até 1988. Só que durante esse trajeto a Biblioteca que tinha sido até a década de 1980, aproximadamente, um grande centro cultural de São Paulo; a Biblioteca recebia um público muito grande, e ali ela começou a sofrer as primeiras intervenções para que o público começasse a se afastar. Eu me lembro que em 1984 – só para você ter uma ideia – a Biblioteca funcionava de sábados e domingos. Domingos e sábados a fila ficava lá na Rua Bráulio Gomes para entrar na Biblioteca. A Biblioteca lotava o seu salão e aí outros só poderiam entrar quando alguém saísse. Havia 250 lugares, se não me engano, e a fila ia lá pela Bráulio Gomes afora. Era uma grande procura mesmo de pesquisas na Biblioteca. Em 1984, eu me lembro que a primeira coisa que se fez foi diminuir o horário do setor de periódicos. A Biblioteca funcionava das oito à meia-noite e havia público, por incrível que pareça. Também era uma outra cidade, não é?, menos violenta e havia público bastante considerável nesse horário. Em 1984 diminuíram o horário do setor de Periódicos, que era um setor onde ia muito estudante procurando jornais antigos, que se fazia trabalho de propaganda, principalmente, havia muita gente fazendo trabalho de propagandas antigas do *Estadão*, da *Folha de São Paulo*. Então o xerox, funcionando até às sete horas, praticamente tirou toda aquela turma que estudava à noite e que às vezes faltava na escola para ir lá fazer trabalho, se afastou da Biblioteca. Passado mais algum tempo, a Biblioteca abaixou o seu horário para as 21 horas, então o pessoal da noite, praticamente, ou foi diluído durante o dia ou não foi mais para a Biblioteca. Esse foi o primeiro acontecimento assim que eu achei que foi bastante influente no



movimento da Biblioteca. Quando chegamos em 1988, eu fui convidado a chefiar a Seção Circulante.

A Seção Circulante parece que tinha sido inaugurada em 1945 e ocupava aquele setor da saída da São Luis. Parece que a reforma agora vai fazer com que esse acervo volte para lá, acho que muito justamente, ele nunca deveria ter saído de lá. Mas as interferências, falta de espaço, que ocasionaram essa movimentação do acervo, que foi inicialmente levado lá para a Praça Roosevelt, um local muito inapropriado. Não havia ventilação, as paredes eram todas de vidro e fazia um calor infernal lá dentro daquele espaço. O acervo ficou lá alguns anos deteriorando, porque não era um local adequado e eu fui chefiar essa seção em 1988.

**AE:** Eu posso interromper um instantinho?

**JE:** Pois não.

**AE:** Eu queria... O senhor já chegou em 1988, eu queria voltar um pouquinho ao momento em que parte do acervo da Biblioteca é desmembrado para a formação do Centro Cultural São Paulo.

**JE:** Perfeito.

**AE:** Eu queria que o senhor contasse como foi isso, como foi recebido pelos funcionários...

**JE:** Essa história toda é mais contundente até porque a gente começa a estudar e começa a avaliar a formação do acervo da Mário. O acervo foi formado por doações, por compra de coleções até de grandes colecionadores, como era Félix Pacheco, como era o próprio Rubens Borba de Moraes, e eram coleções que eram duramente formadas. Uma das publicações que a gente tem na Mário de Andrade. Na época em que eu fui diretor lá, nós fazíamos um convênio com a Fundação João Pinheiro, o Códice Costa Mattoso. O Códice Costa Matoso é um exemplar escrito em couro, formado no ano de 1749, se não me engano, quando o Costa Matoso – eu estou dando um exemplo para saber o valor que isso tudo tem, esse é só um dos



exemplos. Então o Costa Matoso, que era o ouvidor geral das Minas, ele chegando de Portugal, uma pessoa bastante interessada, ele quis saber como que funcionavam os costumes da cidade, da região que ele... O ouvidor era como se fosse o juiz – então ele começou a fazer anotações em couro, acabou formando um grande bloco de anotações de costumes, de tábua de valores, por exemplo: “Um escravo razoavelmente bem de saúde vale vinte sacas de milho”, coisas assim, para que ele pudesse fazer o seu julgamento lá. Acho que as coisas eram feitas muito na base da troca ainda, do escambo, como se diz. Então, desse material todo ele formou mais ou menos um calhamaço de umas duzentas folhas. E o Costa Matoso, quando foi embora, tinha um desenho da Estrada Real, como se chega do Rio de Janeiro até a região das Minas, uma coisa fabulosa, tudo feito à mão. E o Félix Pacheco, um dia, passando lá em Londres, e o livreiro de quem ele costumava comprar: “Tem uma coisa do Brasil aí”. Ele foi, viu esse material e falou: “Vou comprar.” Comprou, trouxe para a sua coleção e depois, quando a Biblioteca recebeu essa coleção, esse exemplar veio junto. E a Fundação João Pinheiro, em 1997, fez um fac-símile dessa publicação, que é uma coisa muito curiosa de se ver. Então as coisas foram feitas dessa forma. O exemplar de *O Processo*, de Kafka, por exemplo, acho que é o único que existe aqui na América, também veio junto com essa coleção.

De repente, em 1972: “Vamos formar o Centro Cultural São Paulo”. Na época, os bibliotecários da Mário ficaram bastante revoltados. “Vamos pegar uma parte do acervo da Mário e levar para o Centro Cultural”, então foi feita muita coisa sem critério, tudo feito muito rapidamente. Então foram livros assim, por exemplo: “Eu, fulano de tal, dou ao meu grande amigo Mário de Andrade este exemplar”, e aí o livro vai para o Centro Cultural; outro escreve lá fazendo uma doação para o Sérgio Milliet, aí você vai lá e acha o livro no Centro Cultural. Então são coisas assim que deveriam ser feitas com mais critérios e que infelizmente acabaram não acontecendo dessa forma. E coleções de arte também, que tradicionalmente eram consultadas na Sala de Artes, que também foi um acervo construído com muito sacrifício. Sérgio Milliet, quando foi diretor da Mário, era um crítico de arte de grande conhecimento. Ele teve a sorte de encontrar uma bibliotecária chamada Maria Eugênia Franco que também era uma pessoa que entendia muito de arte e a Biblioteca tinha uma verba para isso e esse acervo foi formado da seguinte forma:



ouviam falar que em tal lugar tinha uma pessoa assim muito boa, está começando, é um jovem rapaz, e iam lá visitar o estúdio da pessoa, e aí se interessavam por alguma coisa e compravam; e aí se formou um acervo de Portinari, de Di Cavalcanti, coisas assim que não têm preço. Então, de repente, esse acervo está arriscado a sair da Mário e ir para o Centro Cultural. Hoje me parece que as condições técnicas de armazenamento desse material são bem melhores, mas na época não havia absolutamente nada, sabe?, era uma falta de segurança total. Então isso deixava na gente uma apreensividade muito grande: “Isso aí está indo para... é suicídio fazer uma coisa dessas!”; mas não havia jeito. Infelizmente as coisas são determinadas e não discutidas e acabou acontecendo as coisas desta forma. Uma outra coisa importante também a salientar é que o Sérgio Milliet, quando abriu a Seção de Artes, ele fazia uma carteirinha especial; os usuários da seção tinham uma carteirinha que era reservada exclusivamente para o atendimento lá na Sala de Artes. Então havia um cadastro dos usuários, porque ele achava que as pessoas que iam fazer a consulta lá eram pessoas muito especiais. Inclusive, uma das revistas da Mário de Andrade acho que tem uma cópia de uma das carteirinhas. Eu me lembro que era a carteirinha número dez de usuários da Sala de Artes. Então era feitas as coisas com muito carinho. Então, voltando... Não sei se você tem alguma coisa para a gente voltar...

**AE:** Não, pode retomar.

**JE:** Em 1988 eu fui fazer esse trabalho na chefia da Seção Circulante e era um local inóspito, como eu já disse, e ali fiquei até 1991, quando fui chamado para ser o diretor da subdivisão de Apoio Técnico e Cultural. Fiquei nesse trabalho e aí passamos por um período assim terrível, que foi a reforma de 1991. A Biblioteca durante esses anos todos veio apresentando vazamentos – a palavra vazamento parece inacreditável, mas ela convive irmanadamente com biblioteca pública, é inacreditável. E a Mário tinha espaços assim que estavam completamente alagados, porque nunca houve uma interferência: “Olha, vamos consertar”. Então determinado espaço tem um vazamento: “Ah, tranca, fecha”, e investimento muito pouco nessa parte e acabaram os espaços todos ficando deteriorados e chegou a um ponto que não tinha mais jeito: “Não dá mais, ou reforma ou a Biblioteca vai explodir, pegar



fogo e o diabo a quatro”. Então a prefeita Erundina resolveu arcar com o ônus e fez a reforma da Mário. Foi um período muito difícil, os funcionários foram colocados todos em outras bibliotecas, ficou um grupo lá apenas trabalhando e era um período difícil de uma poeira terrível, não havia elevador, todo trabalho que a gente tinha que fazer era pela escada... E, dando um parêntese, nesse espaço, quando eu falo de funcionários, nesse período todo que eu trabalhei, eu fui fazendo muitas amizades. Hoje eu ainda permaneço com vários amigos de lá. Não trabalho mais lá, mas é coisa assim que às vezes eu fico até emocionado quando eu falo. Sempre tratei todos como se tratasse com a minha mãe. A minha mãe trabalhou lá como funcionária. Eu, quando criança, muitas vezes chegava do hospital e minha mãe trabalhava geralmente no 11º. Andar. Então quando eu chegava lá falava: “Mãe, hoje você não precisa fazer nada”. Aí quando chegava o pedido dos livros, eu falava: “Deixa aqui que eu vou pegar”. Aí ia lá para o meio das estantes e ficava procurando o livro. Eu achava aquilo o máximo! Então, sempre procurei tratar todos os funcionários e durante vários períodos nesses anos todos – tenho 38 anos de prefeitura que vou completar este ano – os funcionários foram o alicerce daquilo tudo, porque, se não fossem eles, aquilo lá havia desmoronado completamente, porque muitas vezes, em situações importantes e imprevisíveis, se não fosse a dedicação de muitos deles o trabalho não poderia nem ser executado a contento. Chegamos em uma época, eu era diretor, já diretor-geral, a gente trabalhava das 17 e trinta até as 21 horas com cinco pessoas em um prédio que atendia 13 andares de livros, Sala de Leitura e o monta-carga, então a mesma pessoa que atendia o monta-carga atendia a Sala de Leitura. Em cada andar da torre - torre de livros é onde está armazenado o acervo - ficavam dois, três, aliás, cada funcionário atendia dois, três andares para não deixar o atendimento acabar de vez e isso são coisas que o público às vezes não toma nem conhecimento. Às vezes chegavam lá: “Puxa, mas está demorando muito!”, e a gente não podia nem falar: “Oh, você espera um pouco porque a pessoa que está pegando o seu livro no décimo andar está pegando um lá no oitavo. A hora que ele pegar, ele vai lá buscar o seu”. Então, coisas assim que realmente os funcionários foram verdadeiros heróis nesses anos que se passaram. E essa reforma, ela trouxe algumas interferências muito boas e também outras muito ruins. Eu acredito que uma boa coisa que se fez foi separar a consulta de periódicos da de livros, fazendo um setor à parte. Lá na área que a gente



costumava chamar de “área verde”, que era o local da antiga Circulante, que a saída é para a São Luís, se fez um mezanino que abrigava a seção de multimeios e embaixo a Seção de Legislação. Aquilo lá foi bom porque foi criado um novo espaço no mezanino. Fizeram lá uma armação de ferro e foi criado mais um espaço, porque o pé direito é muito alto nesse local. Aí em março de 1996 eu fui convidado a ser o diretor da Mário, cumprindo lá aquela pitonisa de 1971 que disse que eu ia ser o diretor. Em 1974 houve um concurso na prefeitura para trabalhar nas regionais na área da fiscalização. Eu fiz o concurso e passei. Eu já era formado em biblioteconomia e eu fui conversar na época com a diretora chamada Noemi do Val Penteadado, uma pessoa maravilhosa e também de uma cultura vastíssima, e ela falou: “Eu não vou deixar você sair”. Eu falei: “Dona Noemi, eu não vim aqui pedir para a senhora, eu vim aqui comunicá-la que eu vou sair. Eu passei no concurso e vou sair”. Ela falou: “Sente aí”, sentei e ela falou: “Você sabe que eu gosto muito da sua mãe e do seu pai?” - “Sei sim, senhora” - “Sabe que eu tenho a maior consideração pela sua família?” - “Sei sim, senhora” - “Você sabe que o seu avô trabalhava aqui?” - “É lógico que sei” - “Você não sabe que a sua vida está ligada aos livros?” - “Sei sim, senhora” - “Você não gosta da Biblioteca?” - “Adoro!” - “E por que é que você vai sair? Você vai ser o diretor desta Biblioteca!”. Eu falei: “Dona Noemi, depois eu volto”, e fui embora e aí não voltei mais, continuei na Mário. E quando foi em março de 1996 eu fui chamado para ser o diretor-geral e passamos um momento também muito difícil, foi a implantação do PAS<sup>3</sup>, vieram funcionários completamente destreinados para a Mário de Andrade. Foi um período de difícil adaptação, mas em compensação foram essas pessoas, essas senhoras – a gente sempre brincava com os encarregados: “Fala para a senhorinha tal” – mas se não fossem elas, muitas auxiliares de cozinha, muita gente simples que veio dos hospitais, elas é que vieram dar um novo alento para a Mário de Andrade, sabe? Muito interessadas, outras com pequenas dificuldades de adaptação, mas muitas delas foram muito úteis para a gente e realizaram um trabalho bem feitinho. Eu posso dizer o seguinte para você: eu acho que o sonho de todo bibliotecário, de todo mundo que faz biblioteconomia, a gente percebe assim pelo menos quando chegava nos lugares e era recebido assim com muita cortesia, com muita honra “o diretor da

---

<sup>3</sup> Programa de Atendimento à Saúde



Biblioteca Mário de Andrade”, então ajudava a elevar um pouco a auto-estima da gente, mas foram os três piores anos que eu já passei porque os problemas eram terríveis, coisas assim que a gente costuma criticar quando a gente não está sentado na cadeira. Eu vi que a coisa era muito pior, sabe? A falta de estrutura para se trabalhar era imensa, eu era o diretor-geral da Mário de Andrade e a Biblioteca não tinha um cargo de secretário! Eu tinha que bater o escanteio – como se diz em futebol – e correr na área para cabecear porque não tinha ninguém. Então, a pessoa que me auxiliava lá na época era um operacional, como a informática ainda não estava implantada ainda nas bibliotecas, era a pessoa que fazia os ofícios, tudo “meia-boca”, mas era o que tinha. Então, as dificuldades de infra-estrutura sempre foram muito grandes. Um dia, aquele dia que você fala “Não dá mais, desse jeito não dá”, eu fui falar com o diretor administrativo do departamento, uma pessoa que também fez muito pelas bibliotecas, chamado Mário Antônio Andrade – não sei nem onde está o Mário hoje, uma grande figura, eu acho que seria até interessante você também um dia chamar o Mário para dizer algumas coisas sobre as bibliotecas – e o Mário me disse: “Zé, eu não posso fazer nada, a verba da Mário é quinhentos reais e ela já está gasta... nós estamos em janeiro e já estamos gastando novembro!”. Então, sabe, é difícil você trabalhar desse jeito.

E uma coisa que eu procurei de imediato: o ataque dos pichadores era enorme aqui em São Paulo e eu procurei chamar a responsabilidade dos vigias e do zelador para que não permitissem de maneira alguma que o prédio fosse pichado. Mas aí o que acontecia? Constantemente três horas da manhã: “Zé!” - “Pois não, Seu Celso” - “Pegamos um pichador aqui. O que é que a gente faz?” - “Ele pichou?” - “Não, ele ainda não pichou” - “Então chama a guarda metropolitana e entrega. Isso aí é uma coisa que tem que ser feita já, não precisa ficar ligando para mim, Seu Celso. Pegou, chama a guarda metropolitana”. Mas eles queriam mostrar serviço: “Nós estamos acordados, então nós também vamos te acordar”. E aí no dia seguinte você tem hora para chegar. Eu costumava chegar lá às oito horas, oito e meia, só que não tinha hora para sair. Então às vezes tinha evento à noite, que eu achava uma falta de consideração para com o palestrante dependendo da sua importância ou para com o expositor, o diretor não estar presente, então, muitas vezes, eu ficava lá até, por exemplo, o evento começar, começou, daí eu já posso ir embora porque fiz a apresentação e tal. Mas era um período assim muito desgastante pela falta de





estrutura, o organograma era completamente inadequado para a Biblioteca, falta de verba eu já disse que era muito grande, falta de um quadro de funcionários melhor adaptados às bibliotecas, uma coisa que existia até os anos 1980 que era um cargo de auxiliares de biblioteca, que também foi extinto. Então, de repente, a Biblioteca passa a ser o local de trabalho de pessoas que entraram para trabalhar na prefeitura, mas que fazem concurso para trabalhar em uma subprefeitura, então o sonho dele foi sempre dirigir um caminhão lá na subprefeitura daí ele vai trabalhar na Mário de Andrade, então, acaba sendo uma função que acaba não rendendo o que deveria render para a população e a gente perde mais uma chance de se fazer uma coisa mais adequada. Houve algumas administrações que se interessaram bastante para se formar um quadro de funcionários adequados, mas esbarrava sempre na legislação. Eu me lembro que uma vez a gente, fazendo um organograma, nós queríamos colocar um tradutor na Mário, mas aí não pôde porque não tem concurso para tradutor. “Mas então vamos contratar” – “Não, a Mário não pode contratar porque ela não é um departamento, ela é mais uma biblioteca apenas”. Então esse “mais uma” é que fez a Mário de Andrade se deteriorar tanto porque o tratamento que a Mário recebia era o mesmo tratamento financeiro que recebia a biblioteca de Itaquera, por exemplo – com todo o respeito à biblioteca de Itaquera. Mas eu acho que a proporção é muito grande, não é? E uma coisa que eu acho que ajudou muito a Mário de Andrade foi, em 1975, quando houve a criação da Secretaria da Cultura, a formação de diversos setores que até então inexistiam e a Expansão Cultural foi uma delas. Os eventos que a Mário começou a realizar foram assim sempre muito importantes, antes disso, ainda em arremedos de programação cultural, que a Mário logo que inaugurou tinha um auditório, coisa também que pouca gente sabe, na década de 1940 nós recebemos a presença do poeta Pablo Neruda, que veio à Mário de Andrade e fez uma saudação aos bibliotecários. Então ela sempre foi um centro conhecido internacionalmente como ponto de referência pela excelência do seu acervo tanto de artes quanto de... Na década de 1970 a Biblioteca tinha um acervo que os alunos da USP<sup>4</sup>, por exemplo – eu trabalhava lá de sábados e domingos – os alunos preferiam ir para a Mário de Andrade do que lá para a USP porque aqui eles encontravam tudo o que eles queriam. Só aí começam

---

<sup>4</sup> Universidade de São Paulo



a acontecer aquelas coisas que o tempo veio trazendo: o projeto da Mário inicialmente para um milhão de volumes foi cortado pelo Prestes Maia e só se fez uma torre para quinhentos mil volumes, a fundação que deveria pelo menos ser deixada pronta – porque hoje em dia não se constrói mais uma torre lá até pelo metrô e pela proximidade de outro prédio porque não fizeram os alicerces, a fundação não foi feita, então de vez em quando vem: “Ah, vão construir a segunda torre”, jamais, isso é um sonho que passou. Não há condições técnicas para isso. Então tudo isso começou a trazer os problemas para cá e quando chegamos nessa época em que eu era diretor teve esses problemas que eu já relatei, aí já no final da minha presença na Mário, aconteceu uma coisa que eu não esperava. Eu estava lá fazendo um trabalho no arquivo morto e querendo sair, porque eu achei que eu já tinha... Ah, antes disso, em 1998 eu tive um enfarte. Em 1997 eu tive um enfarte e quase que eu enfartei lá dentro. Eu me lembro que eu saí, eram umas três horas da tarde e fui lá na SEHAB<sup>5</sup> resolver um problema com um processo embaixo do braço, porque, como eu já disse, as condições técnicas de trabalho eram precárias. Então o diretor da Mário de Andrade, saudado em outros lugares, pega um processo enfia embaixo do braço e vai a pé até a SEHAB para resolver um problema do prédio e, no meio do Vale do Anhangabaú, me deu uma tontura que eu falei: “Acho que vou desmaiar!”, e fui até lá, cheguei lá e encontrei uma antiga funcionária da Mário, tomamos um café, voltei muito preocupado, sentei na minha mesa, o trabalho continua e aí vou ver a programação, tinha a programação de uma pessoa muito importante à noite, um festival de poesias e eu falei: “Eu tenho que esperar para pelo menos cumprimentar essa pessoa”. Fiquei lá até sete e meia, quando a pessoa chegou, já determinado a cumprimentar o palestrante e saí para procurar um amigo meu que é médico para fazer uma consulta. Só que eu cheguei lá, conversamos e na hora que eu olhei no relógio eram oito horas, falei: “Puxa, é melhor deixar para amanhã” e quase que eu deixei para nunca porque de madrugada tive um enfarte e quando cheguei ao pronto socorro, eu fui dirigindo para o pronto socorro, cheguei ao pronto socorro de madrugada, eu me lembro que a doutora que me atendeu falou: “Oh, Seu José, o senhor coloque esse avental, tire a sua roupa”. E eu falei: “Doutora, mas o que é que nós vamos fazer?”. Ela: “O senhor vai ficar aqui”. Eu

---

<sup>5</sup> Secretaria Municipal de Habitação



falei: “Como ficar aqui? Oito e meia eu tenho uma reunião, não posso ficar aqui”. “Não, o senhor vai ter que ficar, o senhor está enfartado!”. Eu falei: “Como?!”. “É, o senhor teve um enfarte, o senhor não pode sair daqui!”. Porque eu acordei de madrugada passando mal, e aí depois de conversar muito comigo, ela disse o seguinte: “Seu José, o senhor é de uma empresa pública ou privada? O senhor está com um problema muito sério para resolver, é a sua saúde. Se o senhor sair daqui, eu acredito que o senhor não vai fugir, o senhor vai fazer com que meu diploma seja caçado e o senhor preste atenção: no seguinte, se o senhor morrer, hoje à tarde já estão pensando em uma pessoa para ficar no seu lugar, seja uma empresa privada ou pública. Então, o senhor tem que procurar se recuperar e voltar lá o dia que o senhor puder para esse local que o senhor tanto gosta porque não dá, o senhor vai ficar sete dias aqui”. Aí, bom, vou ficar sete dias, aí acabei voltando... Isso foi em outubro, em dezembro eu voltei, reassumi a minha função e em março eu achei que já não devia ficar mais, em março de 1998. Eu havia entrado em março de 1995, em março de 1998 eu falei: “Não dá mais, chega! Eu acho que tudo tem um limite, a gente quer se doar, é idealista, mas não dá mais para ser o diretor, eu quero...”. Eu ainda brinquei na época com a dona Marlene Hirata, que era diretora do departamento, eu falei: “Olha, Marlene...” – meus exemplos são sempre na base do futebol – “eu não quero mais arrumar jogador, arrumar o jogo de camisa, arrumar a bola e ir lá no dia do jogo para jogar, agora eu quero saber só onde vai ser o jogo que aí eu vou lá e jogo porque ficar tomando conta de todas essas coisas, tudo sozinho não dá mais. Então, não quero mais e muito obrigado por tudo, você foi a responsável por uma coisa que eu sempre almejei na vida, acho que o sonho de todo bibliotecário é um dia poder ser diretor da Mário de Andrade. Eu particularmente sou muito orgulhoso disso, foi uma coisa que me orgulhou muito, acho que sou um privilegiado por toda essa história que eu tenho até para contar, mas foi um período muito difícil”.

Aí eu comecei a pedir para sair, queria tentar uma outra área, uma outra oportunidade em outro local. Eu, durante um período que a Biblioteca funcionava em uma jornada de seis horas, eu trabalhei muitos anos no período da noite, então eu entrava na Mário de Andrade às cinco e meia e saía à meia-noite e a gente tinha um benefício porque trabalhava à noite, acho que de meia hora, se não me engano, e nesse tempo eu fui trabalhar em uma empresa, na biblioteca jurídica, então peguei



um grande conhecimento nessa área. Então o que acabou acontecendo? Eu recebi um convite para trabalhar na biblioteca da PGM<sup>6</sup> e aí eu me lembro que quem assumiu a Secretaria na época foi o Marco Aurélio Garcia e aí a diretora da Biblioteca falou: “Não, não é o momento de você sair, você tem que esperar um pouco porque o Marco Aurélio Garcia está querendo um projeto aí e vai precisar de você. A Elisa – que era a diretora do departamento – ela não vai deixar você sair e não sei como eu vou pedir”. Aí um dia pediram para eu falar com uma pessoa lá – ainda era na Frei Caneca a Secretaria –, eu fui lá na Frei Caneca, conversei com uma pessoa e ele estava com um projeto na mão chamado “Colégio de São Paulo” e aí ele me disse o seguinte: “Olha, eu quero que você vá ser lá na Mário de Andrade o coordenador interno desse colégio”. E eu falei: “Mas o que é isso?”. Na época aquilo deu um reboliço porque inacreditavelmente erraram uma publicação no Diário Oficial e colocaram: “Situação atual: Biblioteca Mário de Andrade; situação nova: Colégio de São Paulo”, todo mundo achou que iriam mudar o nome da Biblioteca para Colégio de São Paulo, um nome tradicional do escritor, do poeta mais querido da cidade, de repente iriam tirar o nome do Mário de Andrade, o grande responsável por tudo que a gente vive hoje em termos de biblioteca, para colocar Colégio de São Paulo?! Aí eu sei que houve um quebra-pau, houve abraço na Mário por parte dos bibliotecários, alunos da Fundação e foi um reboliço total. Aí depois de tudo explicado, explicou-se que Colégio de São Paulo seriam cursos, ciclos de palestras em que estariam presentes porteiros, escriturários, professores, mestrandos e doutores porque o compromisso que os palestrantes teriam, sejam eles de que matéria fossem, teria que ser em uma linguagem que todos entendessem. E vou dizer uma coisa para você: eu acabei aceitando a incumbência e foi um período assim glorioso para a Biblioteca porque aí eu aprendi mais uma coisa, aquilo que eu achava no início: que os eventos, o público não dá resposta, a gente faz... Eu aprendi o seguinte: não existe evento sem público, o que existe é evento mal divulgado, sabe? Porque sempre tem alguém nessa área cultural que se interessa desde que você faça uma coisa que realmente vale a pena. Esse Colégio de São Paulo trouxe de volta para a Mário os seus grandes momentos de ciclos de poesia, de literatura, de eventos de grandiosidade onde as verbas não eram minguadas.

---

<sup>6</sup> Procuradoria Geral do Município



Existia uma equipe na Mário de Andrade, três ou quatro pessoas que realmente seguravam o rojão, que eram idealistas como a gente, procuravam fazer tudo da forma mais correta possível e esse projeto foi de um sucesso tremendo a tal ponto que... Um exemplo que eu sempre dou: a coisa quando é boa, às vezes você não precisa nem correr atrás de patrocínio. Eu nunca vi uma coisa daquela acontecer até então, o patrocinador correu atrás do evento, que foi o que aconteceu com a Embratel. A Embratel, quando tomou conhecimento do que era aquele projeto... O primeiro curso que nós fizemos foi História da Filosofia Grega com a professora Marilena Chauí. Foram dois finais de semana, começava às dez horas da manhã no sábado e no domingo nesse mesmo horário. À primeira vista, quando eu mostrei o projeto, eu falei: “A Marilena Chauí, professora, vai fazer um curso de história da filosofia” - “Quando que vai ser?” - “Sábado e domingo às dez horas da manhã” - “Vocês estão loucos!”. Eu falei: “É o dia que ela pode” - “Mas não vai ninguém”. Eu falei: “Bom, quem sabe!”. E aí o que eu falo: “Vamos divulgar!”, e aí saímos feito loucos. Fizeram um cartaz muito bonito, um cartaz decente que pudemos levar para as estações do metrô, para todas as faculdades onde existia a matéria de filosofia, ciências e letras. O que acabou acontecendo? 15 dias antes do evento tínhamos seiscentos inscritos onde cabem 250. E assim aconteceu - um evento vai puxando outro. Naquele evento mesmo de História da Filosofia nós começamos a divulgar o curso de literatura que iria acontecer posteriormente, Os Grandes Clássicos da Literatura Universal e depois um segundo módulo de literatura brasileira. Nós precisamos montar um telão no salão de baixo, montado também com o conhecimento técnico do pessoal que sempre foi muito dedicado, montar um telão na Sala de Atualidades do mesmo evento que estava acontecendo no auditório, porque, às vezes, tinha mais inscritos do que lugares no auditório. E isso acabou trazendo um grande público a esses eventos todos. Nós fizemos a História da Economia Brasileira, falando desde a época do Império, as pessoas queriam... As pessoas que participaram desses eventos todos eram Delfim Neto, Reis Veloso, todos ex-ministros da Economia do Brasil e cada um contando um trecho da história. E Renato Janine estava sempre na Mário de Andrade nos nossos eventos. Gilberto Dupas, da *Folha de São Paulo*. Então os eventos eram feitos sempre por pessoas de alto gabarito que iam lá e faziam a sua palestra em uma linguagem a que todo mundo tinha acesso. Tinha um senhor que era porteiro de um prédio na Xavier de



Toledo, ele entrava às 11 horas no trabalho, ele sempre chegava na cidade às seis e meia porque ele participava de todos os cursos. Ele falava que aquilo era uma coisa que ele nunca tinha tido acesso e que aquelas informações eram para ele uma coisa maravilhosa. Então, os eventos eram nessa forma assim, mas existia todo um processo por trás, não se economizava. Por exemplo, vamos trazer um palestrante do Rio de Janeiro: a passagem era mandada para a pessoa, a pessoa vinha de avião; tinha um esquema de um hotel aqui do lado da Biblioteca onde a gente hospedava o palestrante. Ele vinha para a cidade, fazia a palestra, voltava para o hotel e no dia seguinte já tinha um carro que levava essa pessoa para o aeroporto. Então a coisa funcionava assim muito bem feita, muito bem organizada, coisas que eram difíceis às vezes... Eu que passei por tantos problemas, por tantas dificuldades, falava: “Puxa, por que não foi sempre assim, por que a coisa não correu sempre dessa forma?”. E antes disso a Mário em bons momentos, teve assim ocasiões de fazer grandes musicais, apesar do auditório lá não ser indicado para esse tipo de evento, mas houve assim encontros históricos, por exemplo, que eu me lembro: Clementina de Jesus, Demônios da Garoa, Eudóxia de Barros, uma grande pianista - ela frequentemente participava fazendo concertos nas nossas programações. E em outras ocasiões, quando a verba não era assim muito interessante, existia um processo de análise de currículos em que se não trazia gente importante, mas levava gente promissora, então grandes compositores da MPB que hoje são conhecidos, Beto Guedes, por exemplo, frequentemente estava lá nos nossos eventos, e outros que não me lembro. Mas eram todos feitos assim dessa forma.

Essa parte da Extensão Cultural que começou a funcionar em 1975 deu um bom alento para a Mário de Andrade, mas sempre também com esses problemas, tem épocas promissoras e épocas que se deixa muito a desejar. Agora, eu acho que o grande momento da Biblioteca, que ela gritou “independência ou morte”, foi com a criação do departamento. Acho que isso vai trazer muitos benefícios para que a administração consiga fazer dela o que ela sempre foi para a cidade, apesar das concorrências todas da internet e de outras interferências culturais que a gente tem. Outro dia eu estava até pensando que quando a gente ainda estava iniciando a carreira a gente sempre pensava de fazer da Mário de Andrade um lugar de preservação e custódia, fazer um grande centro de recuperação de obras, seção de



obras raras que tem um acervo fabuloso, tem muita coisa para ser arrumada, mas precisa realmente arrumar um centro de recuperação, com pessoas, com cursos bem feitos, com material adequado e fazer da Mário de Andrade um centro onde os grandes pesquisadores possam voltar, e deixar que essas pesquisas de segundo grau, já que elas caíram consideravelmente depois da internet, que elas sejam mais dirigidas para as bibliotecas de bairros e fazer também – e com certeza a gente não vai conseguir se livrar desse assédio dos alunos do segundo grau tão facilmente – fazer um grande centro de informática como se faz por aí na cidade esses centros de informática para que a população tenha acesso. Eu acho que isso seria também uma maneira de trazer de volta a população que procura o seu conhecimento, a sua leitura, porque de repente também, a Mário de Andrade, quando foi formada, era um lugar propício para a leitura, porque era a esquina da São Luis com a Consolação, era um bulevar, um local ajardinado, onde o veículo mais pesado que passava era um ônibus elétrico, as ruas todas ajardinadas. Onde tem o hotel Eldorado hoje tinha uma rádio chamada Rádio América, ali era o auditório da Rádio América, ali atrás do *Estadão* existia muitos terrenos baldios, ali no Bexiga era considerado periferia da cidade, então ali era um local propício para a leitura que, infelizmente, com o crescimento da cidade, isso deixou de acontecer. Mas não se discute de maneira nenhuma a importância da leitura, a fundamentalidade, de como é importante você ler.

Eu acredito que, se não fosse essa oportunidade de viver sempre perto dos livros, todo mundo fala: “Olha, bibliotecário lê muito”. Nem sempre é assim, se você não tiver vontade, o seu trabalho não dá tempo para você ler porque é um trabalho mais técnico do que cultural, praticamente. Você também precisa ler bastante para que você possa ser útil para aqueles que vão procurar a informação nas bibliotecas. Uma coisa que eu gosto sempre de dizer quando vou fazer esses depoimentos – eu vou olhar até para a câmera – eu gosto de dizer que eu não me sinto um dinossauro falando das memórias da Mário de Andrade, mas uma coisa que é fundamental, naquela época que eu gostaria de ser médico eu pensava: “Puxa, deve ser bom dar uma receita para alguém, curar a pessoas e a pessoa ficar toda contente porque sarou”. De certa forma, eu também receitei durante esse trajeto todo muito remédio como diz lá no pórtico da biblioteca do Ramsés, o faraó, “remédios para a alma”, que são os livros. Eu acho que de uma certa forma eu fui muito útil para a população



com meu idealismo todo. Eu me sinto um privilegiado de ter tido a oportunidade de poder contar essa história para muita gente e ter passado por tudo isso, apesar dos pesares. Hoje em dia é uma coisa que eu sinto com muita saudade em termos dos amigos que eu formei na Mário de Andrade, tendo em vista o pessoal que está aqui presente; são pessoas que eu guardo assim com muito carinho, sabe?

**AE:** Seu José Eduardo, aproveitando que você contou todo esse final, apresentou proposta para a Biblioteca, existe alguma biblioteca que seja o modelo, que poderia inspirar a Biblioteca Mário de Andrade, alguma biblioteca que o senhor conheça, que seja um paradigma mesmo?

**JE:** Eu acredito o seguinte: a Biblioteca Mário de Andrade é a maior biblioteca de São Paulo e a segunda maior do Brasil. A gente poderia ter um parâmetro com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo em vista até a similaridade de costumes; se constrói bibliotecas aí no exterior, mas são outros objetivos. O nosso objetivo é ainda o de formar uma população leitora. Outro dia eu vi um artigo do Mainardi na revista *Veja* que me deixou muito revoltado. Não sei se ele fez isso para provocar ou se ele realmente pensa isso, disse que leitura não é fundamental e que o Brasil nunca vai ser um país de leitores – se tiver gente pensando dessa forma realmente nunca seremos. Então eu acho que o nosso parâmetro seria a Biblioteca Nacional. Na Mário de Andrade o que sempre faltou foi investimento. Uma coisa que eu sempre digo: em cultura não existe despesa, existe investimento. Mas como se trata de uma plantação que você está fazendo para o futuro, às vezes, muita gente não se interessa. E você está fazendo agora uma aplicação em cultura e leitura que você vai colher isso dentro de alguns anos somente. Então é difícil você conseguir medir esse tipo de coisa, você fala: “Será que o dinheiro que eu gastei, que eu investi lá no passado fez efeito? É uma coisa que não dá para avaliar, por isso que eu falo: é investimento, você não pode considerar despesa. Eu acho que em cultura você deveria ter essa obrigatoriedade orçamentária igual tem na Educação. Por que é que a educação está melhorando? Está melhorando porque se está investindo. Por que na Cultura às vezes as bibliotecas deixam muito a desejar? Porque na classe bibliotecária, por exemplo – não vou começar a parte de crítica, só vou dar apenas um adendo - para a Cultura, para as bibliotecas, nós somos sempre os





últimos. Então se faz aí uma gratificação para os funcionários – eu acho que tudo bem, a gente também precisa ter os benefícios que todos têm, mas não, a Secretaria da Cultura sempre fica para depois. Assim foi durante todo esse trajeto, em verbas que se criaram para beneficiar funcionários. Acho que um incentivo financeiro faz parte, acho que é uma coisa sempre muito bem-vinda, estimula, motiva os funcionários. Mas agora, quando se trata da Cultura, sempre fica para depois, tendo em vista agora uma gratificação que foi criada, a Secretaria da Cultura não está contemplada. Então primeiro a Educação e depois a Saúde, e a Cultura? E a leitura? Eu acho que a Cultura e a Educação, elas andam muito juntas, sabe? Eu acho que, se colocar Secretaria de Cultura junto com a Secretaria de Esporte e Lazer, eu acho que é uma coisa um pouco diferente e complicada. Quando você quer fazer algum benefício que englobe todos os funcionários, você não pode porque as coisas são muito díspares, não dá para fazer. Então eu acho que deveria ter uma verba, uma porcentagem do orçamento para bibliotecas, para leitura, para que realmente se consiga fazer um país de leitores, uma cidade de leitores. A gente vê muitas propagandas, muitas reportagens - “o paulistano lê”. Você vai no metrô você vê muita gente lendo. Eu não tenho nada contra, mas você procura dar uma olhadinha: 90% é livro de auto-ajuda. A cidade derruba qualquer cidadão, então as pessoas procuram auxílio no extra-terreno porque a coisa está muito difícil. Então o que acaba acontecendo: alguém lendo um Machado de Assis, lendo José de Alencar e outros livros aí, Jorge Amado, você não vê. É só auto-ajuda, Zibia Gasparetto.

Eu me lembro que uma vez, uma coisa muito importante, nós fizemos um seminário na Secretaria da Cultura sobre leitura. A Secretaria estava muito preocupada com o incentivo à leitura, aí se reuniu todos os bibliotecários para se fazer, tirar algum subsídio para que a Secretaria pudesse incentivar a leitura como um todo na cidade de São Paulo, nas bibliotecas. Aí eu me lembro que uma pessoa da biblioteca da Vila Prudente, se não me engano, disse o seguinte: “Olha, na minha biblioteca se lê muito, mas a gente não vence, o que se lê mais lá é o...”. Puxa vida esqueci o nome!

**AE:** Paulo Coelho?



**JE:** Não, é um americano muito famoso...

**AE:** Sidney Sheldon!

**JE:** Sidney Sheldon! Exatamente! “Lá o que mais se procura é Sidney Sheldon!”, eu me lembro que a secretária olhou para ela assim e disse: “Olha, tudo bem, antes ler Sidney Sheldon do que não ler nada!”. Mas acho que a gente deveria arrumar uma outra forma para que as pessoas lessem os nacionais, vamos fazer uma grande frente para que se incentive a leitura e se tiraram vários subsídios lá sobre esse aspecto. E uma coisa também que eu acho assim da maior importância nas bibliotecas é – muita gente foi contra na época porque em uma determinada administração se comprou vários volumes de grandes clássicos em inglês, por exemplo, então muita gente criticou: “Escuta, mas os clássicos gregos, não leem nem em português, vão ler em inglês?”. Então é aquilo que eu falo: a gente não pode atulhar as bibliotecas de enciclopédias, a gente tem que ter uma literatura de nível para que as pessoas comessem a ter acesso, não é? Porque se a gente só tiver aquilo que o povo quer, eles nunca vão ter acesso àquilo que eles poderiam querer. Então existe esse tipo de manifestação também na área cultural. Mas eu acho que no orçamento, uma verba determinada para as bibliotecas seria fundamental!

**AE:** E Seu José Eduardo, o senhor consegue imaginar como deveria ser o bibliotecário do século XXI? Qual formação, se talvez essas tecnologias pudessem...

**JE:** Nossa, hoje em dia, bibliotecário sem informática inexistente. Eu acho que todos esses grandes aparatos eletrônicos que a gente tem à disposição, nada das bibliotecas públicas municipais... Nós tivemos grandes problemas porque o computador chegou nas bibliotecas no ano dois mil e pouco, até então a gente não tinha acesso a nada. A gente fazia cursos na PRODAM<sup>7</sup> que eram praticamente feitos sem nenhuma utilidade porque a gente não usava os instrumentos que a gente aprendia no trabalho. Só com a grande massificação nas bibliotecas que a

---

<sup>7</sup> Companhia de Processamento de Dados do Município de São Paulo



gente começou a ter acesso. E hoje em dia, eu digo isso claramente: eu aprendi na raça, não fui fazer nenhum curso na PRODAM, aprendi mexendo, com as próprias pessoas do próprio local me ensinando. Hoje, sem informática, as bibliotecas não funcionam, o bibliotecário que não estiver “antenado” infelizmente vai ficar para trás. Uma coisa que todo mundo fala: o livro eletrônico. Eu acho isso ainda um pouco distante da gente. O livro como ele é, a forma como ele tem, ele é totalmente portátil e você carrega para onde quiser. Já existe hoje um aparelho que você coloca sei lá quantos *e-books* e não é a mesma coisa de você estar lendo um livro - você fica lá apertando botãozinho, eu acho uma coisa meio... Eu acho que o livro na forma como ele tem, pelo menos na nossa geração, como nós aprendemos a amá-lo, eu acho que ainda não existe uma outra forma que possa ser... Mas o bibliotecário hoje em dia tem que estar ligado a todos esse grandes bancos de dados porque as informações hoje correm em uma velocidade que só eletronicamente você pode ter acesso e conseguir correr atrás.

**AE:** Bom, Seu José Eduardo, a gente está meio que se encaminhando para o fim da entrevista. Eu gostaria de pedir para o senhor nos contar qual na sua opinião seria a maior preciosidade da Mário, como seria a biblioteca dos sonhos do senhor e se o senhor costuma visitar algum livro, se tem algum autor que o senhor considere fundamental, que até hoje é importante para a vida do senhor.

**JE:** Nesses anos todos de Mário, como eu disse, sou um privilegiado por ter convivido... eu trabalhei naquele prédio, sem contar os nove meses, 34 anos naquele edifício. Foi um prédio que eu aprendi a amar, já disse duas vezes e vou dizer mais uma: sou um privilegiado. Passei lá por todos os cargos possíveis e a minha Mário de Andrade que eu vejo nos meus sonhos seria uma Mário de Andrade com a segunda torre, seria – uma coisa que eu brincava muito todas as vezes que ia alguém da Secretaria da Cultura na Biblioteca eu sempre dizia: “Olha, por que não façamos dessa sala de Atualidades, vamos fazer um centro de informática parecido com a NASA<sup>8</sup>, vamos fazer um monte de computadores, acesso à internet, disponibilizado para todos, vamos fazer disso aqui um grande centro eletrônico e de

---

<sup>8</sup> National Aeronautics and Space Administration



eventos de livros”. O livro tem sempre que ser privilegiado dentro da biblioteca e vamos fazer eventos sempre ligados à leitura porque a Mário, infelizmente, por essa condição de ser uma biblioteca da década de 1930, ela não te oferece arquitetonicamente muitos espaços e muitas condições de você fazer grandes coisas e com grandes aparatos, mas eu vejo assim uma biblioteca do futuro como se fez a biblioteca lá na França, aquele grande centro onde são praticamente contempladas todas as nações, onde exista uma confraternização de leitura, de literatura, onde todos os idiomas sejam contemplados, todas as civilizações, onde não existam barreiras de praticamente nada, onde o acesso é aberto para todos. Eu acho que um grande centro bibliotecário não tem que ter barreiras; tem que estar sempre com as portas abertas; tem que ter condições para que os trabalhadores tenham acesso aos espaços de cultura, principalmente nos finais de semana – coisa que nós brigamos muitos anos, mas nunca se conseguiu, por precariedades, por aquilo que a gente sempre diz: “Para que manter a Mário de Andrade aberta em um domingo se ninguém comparece?”. É porque a gente infelizmente nunca pôde dar aquilo que as pessoas estão procurando. A partir do momento em que você começa a contemplar as pessoas com aquilo que elas buscam, com as informações que elas buscam, certamente a procura vai ser muito grande. Mas infelizmente as coisas não são assim, o número de funcionários nunca é suficiente e a gente vai empurrando. Agora eu vejo a Mário de Andrade, pelo menos no projeto, está muito bonito, acho que a grande sacada aí, que eu achei fundamental, foi esse convênio com o governo do Estado, trazendo o edifício do IPESP<sup>9</sup> para a Mário. Espero que ele seja devidamente reformado, adequado para que o acervo que vem de Santo Amaro e outro acervo que possa ser colocado no local seja bem agasalhado lá no espaço. E que, com esse concurso que se fez, que venham muitos bibliotecários para trabalhar na Mário. Eu já vi no Diário Oficial chamando cem bibliotecários, mas que vão tomar posse na Secretaria da Educação, então a gente está percebendo que estão indo para os CEUS, e as bibliotecas públicas? Infelizmente a gente sempre pergunta isso: e as bibliotecas públicas?

---

<sup>9</sup> Instituto de Previdência do Estado de São Paulo



**AE:** Seu José Eduardo, alguma coisa mais que o senhor queira deixar registrado, alguma coisa que eu não perguntei?

**JE:** Eu gostaria muito de agradecer esta oportunidade, agradecer a presença desses meus amigos e os funcionários sempre tiveram papel preponderante nesses anos todos de Mário de Andrade. A Biblioteca, pela sua formação arquitetônica, precisa muito do material humano, porque sem os funcionários a Biblioteca não anda e acho assim que, apesar de tudo, posso dizer sinceramente que valeu a pena. Só isso.

**AE:** Ok, Seu José Eduardo, muito obrigada pela sua entrevista, foi muito importante.

**JE:** Muito obrigado, obrigado a todos.

